

A PRODUÇÃO E A EXPORTAÇÃO DE LARANJA NOS AÇORES (1800-1880). UM OLHAR A PARTIR DA PERIFERIA: O CASO DA ILHA DE SÃO JORGE

*Paulo Silveira e Sousa**

(...) Tu és a fértil árvore famosa
Que dera pomos de ouro
No pomar das Hespérides: – tu mostras,
Em teus mimos supremos,
Quanto do Ser eterno a dextra pode,
Quanto o homem lhe deve!
Oh! não, não venha, na ínclita Terceira,
Manchar tua beleza,
Poluir os teus dons, roubar teus dias,
O verme venenoso
Teu inimigo cruel, que o fado adverso
De longes plagas trouxe
Ao clima açoriano, que fizeras
Opulento, ditoso!
Sejam sempre os teus dons, os teus encantos,
Delicados, virentes,
Balsâmicos, gratíssimos, eternos.
José Augusto Cabral de Melo (1845), *Ode à Laranjeira*, Angra:
Tip. de J. J. Soares.

1. INTRODUÇÃO

Entre os finais do século XVIII e a década de 1880 a produção e exportação de laranja transformou profundamente a paisagem física, económica, social e cultural dos Açores. A ilha de São Miguel tornou-se,

* CHAM, Cesnova, Universidade Nova de Lisboa.

desde cedo, a principal área de cultivo no arquipélago. Apesar de não se poder falar de um *ciclo da laranja* com a amplitude que esta denominação pretendeu desde então atribuir à mudança que a dita cultura induziu em São Miguel, a laranja foi também importante noutras ilhas. Na Terceira complementou durante décadas a importante produção e exportação de cereais. No Faial, sobretudo até à década de 1840, ajudou a diversificar uma economia que até 1852-1853 esteve muito articulada com a vitivinicultura picarota e depois com os negócios ligados à navegação.

Na pequena e periférica ilha de São Jorge não existiam nem uma agricultura tão progressiva, nem superfície disponível, nem os recursos monetários que permitiram aos morgados e burgueses micaelenses apostar nesta produção. Não temos notícias de grandes negociantes ou proprietários enriquecidos com a laranja, nem sequer referências de opulência ou riqueza excepcional relacionadas com a sua produção ou comércio. São Jorge exportava gado, lacticínios, quando podia alguns cereais; de finais do século XVIII até às primeiras décadas do século XIX enviava ainda vinho para o Faial que servia para lotar ou ser transaccionado como produção do Pico. A laranja nunca iria alcançar uma importância decisiva na economia agrícola e nas exportações desta ilha. Porém, providenciou às elites locais bons rendimentos numa altura em que estes entravam em queda, devido à decadência da vitivinicultura local, crise que se acentuou após a chegada do oídio em 1852.

Entre 1840 e 1875, intervalo que corresponde ao período áureo da exportação da laranja na ilha de São Miguel², o mercado anglo-saxónico fez grandes importações deste produto, absorvendo também grandes quantidades nas ilhas mais pequenas e periféricas. No caso de São Jorge, até à destruição das vinhas pelo oídio, na década de 1850, a laranja funcionaria em complementaridade com o vinho no aproveitamento das terras pedregosas da costa sul. A partir desses anos ganharia maior preponderância no aproveitamento das zonas de matos e de *biscoito* desta vertente.

² Sacuntala de Miranda (1989), *O Ciclo da Laranja e os Gentlemen Farmers da Ilha de São Miguel (1780-1880)*, Ponta Delgada: ICPD, p. 17. No entanto, não conviria estender este período para os outros contextos insulares, onde as trajectórias temporais podem ter diferido bastante. Por exemplo, no Faial e no Pico, começamos a assistir a invasões de parasitas e de pragas diversas já no final da década de 1840.

2. A PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DE LARANJA EM SÃO JORGE E NAS RESTANTES ILHAS DO GRUPO CENTRAL

Em São Jorge, tal como no resto do arquipélago, as laranjas começavam a amadurecer no princípio de Novembro. Até Maio, nos portos da costa sul, vários navios carregavam centenas de caixas para exportação. As quintas de laranjeiras localizavam-se nos terrenos mais baixos e menos expostos aos ventos. No concelho das Velas estendiam-se pela Queimada, Fajã de Santo Amaro, Urzelina, e Terreiros; no concelho da Calheta, a área produtora estendia-se pela Fajã Grande, Ribeira Seca e Fajã de São João. A maior parte da laranja era exportada pelo porto das Velas, fazendo-se por mar o trajecto entre as freguesias produtoras e o principal porto escoador. Porém, alguns barcos fundeavam directamente no porto da Urzelina, coração da principal área de quintas, e também no da Queimada³.

Durante o ano de 1860, 49 embarcações, com uma tonelagem total de 4.158 importaram de São Miguel, apenas para Liverpool, 36.101 caixas de laranjas, num valor aproximado de 24.087 libras. Da Terceira para a mesma cidade partiria apenas uma escuna em Dezembro de 1860, levando 528 caixas de laranjas no valor aproximado de 343 libras. Da Horta para Liverpool partiria também apenas uma escuna, em Novembro de 1860, levando 930 caixas de laranjas no valor aproximado de 650 libras. Embora falem dados para os restantes portos britânicos estes números ajudam-nos a perceber a importância que a ilha de São Miguel possuía nesta produção⁴. Contudo, em ilhas como o Faial, Pico e São Jorge, então ainda assoladas pela crise da vinha que se manifestara desde a chegada do oídio em 1852-1853, esta exportação ajudava a amortecer um pouco as dificuldades.

Segundo informações datadas de 1871, em São Jorge, a produção de laranja avultava, em anos ordinários, a meia dúzia de embarcações. Sendo um género de fartura, não o era, portanto, de elevada exportação⁵. Ou seja, esta cultura não conseguia ser um suporte importante para a economia local e fornecer os elevados rendimentos que o trigo ou o milho, em anos excepcionais, proporcionavam ou que o vinho havia já dado em décadas passadas.

³ Frederico Maciel (2001), *Urzelina Minha Lira*, Horta: Edição do Autor, pp. 136-137.

⁴ *Boletim do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria*, n.º 12, Dezembro de 1861, Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 458-459, 461, 463.

⁵ *O Jorgense*, n.º 3 de 15/3/1871.

Em São Jorge, a laranja não teve, pois, os mesmos efeitos quer na gestão do espaço agrícola, quer nos rendimentos das famílias do topo das elites locais, que se verificaram em grande escala na ilha de São Miguel. Porém, também aqui, parte da paisagem rural seria marcada por altos muros que assinalariam a existência das quintas. Por sua vez, as sebes de faias ou de incenseiros⁶ funcionavam como uma barreira protectora face aos ventos, construindo uma nova configuração agrícola numa zona particular da ilha, que permaneceria visível durante longas décadas.

Os gastos que a instalação de uma quinta de laranjeiras obrigava (limpeza dos terrenos, construção de muros, plantação de sebes e de árvores de fruto, etc.), faziam com que esta fosse uma cultura na qual eram preponderantes os grandes proprietários e alguns negociantes abastados locais. Estas dificuldades em desbravar e reconverter os prédios de biscoito levavam a que, com alguma frequência, as quintas fossem instaladas em propriedades que mantinham parte do seu aproveitamento ou coberto vegetal primitivo, não possuindo uma área muito grande nem sequer uma elevada densidade de árvores de fruto por hectare. Não é por isso de estranhar que surjam variadíssimas referências a prédios de “mato, vinha e laranjeiras”, de “quinta e mato” ou de “quinta, terra e mato” na documentação notarial da época. Estas são formas claras de obviar a grandes investimentos, as quais conduziam, no entanto, a uma qualidade genericamente baixa dos pomares e da sua produção.

⁶ A introdução do incenseiro (*Pittosporum Undulatum*), arbusto de origem australiana, no arquipélago dos Açores, terá sido feita a partir de São Miguel por plantas, provavelmente, importadas de Inglaterra. Isto a dar crédito ao Prof. Wývilk Thomson, F.R.S., num artigo publicado em 1874, na revista *Good Words*, cf. Sacuntala de Miranda (1989), *O Ciclo da Laranja...*, p. 82-83 (nota 18). Este arbusto que pode atingir um porte elevado será hoje, dado o seu extraordinário desenvolvimento, a mais forte marca dos tempos da laranja, ocupando em gigantescas manchas os matos das cotas de altitude mais baixas, onde chega a competir violentamente com espécies da vegetação endémica açoriana, em grande parte devido à sua maior velocidade de crescimento. Embora desconheçamos a data exacta da sua introdução na ilha, a melhor pista que temos é o Pe. Azevedo da Cunha (1924: 5-21) que escreve que se “notam em abundância os incenseiros que invadiram a terra desde o litoral até aos pontos mais elevados, trazidos de São Miguel haverá cerca de 70 anos”, o que fazendo as contas nos remete para a década de 1850. Pensamos que ele deve ter sido trazido de São Miguel como planta ornamental, após o que terá passado a ser usado nos abrigos e nas sebes, tendo rapidamente saltado dos jardins, para fazer parte da vegetação espontânea da ilha.

QUADRO 1
Produção de Laranja nas Ilhas dos Açores em 1873

Distritos	Ilhas	Laranja (milheiros)
ANGRA	Terceira	43261
	Graciosa	50
	São Jorge	6360
HORTA	Faial	7400
	Pico	445
	Flores	78
	Corvo	5
P. DELGADA	São Miguel	164586
	Santa Maria	520
TOTAIS		222705

Fonte: Gerardo Pery (1875), *Geografia e Estatística de Portugal e Colónias*, Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 301-303.

O quadro 1 manifesta a dominância de São Miguel na cultura da laranja, sendo o efectivo total da sua produção cerca de três vezes superior ao de todas as outras ilhas. São Miguel representava 73,9% do total açoriano, o conjunto das restantes ilhas ficava-se pelos 26,1%. São Jorge, com 6360 *milheiros*, ocupava o quarto lugar na tabela de produtores, com um valor de 2,8 % na produção global do arquipélago, ainda assim muito longe do segundo lugar, pertencente à ilha Terceira, que se ficava pelos 19,4%, e próximo do terceiro lugar ocupado pelo Faial com 3,3%. Se este quadro, assim como muitos dos restantes que iremos apresentar nos permitem ter já uma imagem global, eles não permitem, contudo, medir a produtividade relativa de cada uma das ilhas, o que torna algumas comparações complicadas dadas as disparidades de tamanho e de recursos entre os vários territórios do arquipélago⁷.

Estes números, tão díspares, estão relacionados com os tamanhos das diferentes ilhas e com as capacidades desiguais em alargar o uso agrí-

⁷ Para o caso das produções agrícolas seria, pois, útil relacionar a produção com a área cultivável. Mas como são escassíssimos os cálculos sobre a superfície agrícola útil ou sobre a sua repartição entre as várias culturas é quase impossível, para já, proceder a uma análise quantitativa completa, rigorosa e comparada das principais produções agrícolas dos Açores.

cola dos solos e em intensificar as produções, pela via da inovação tecnológica ou da introdução de factores. É, portanto, perfeitamente natural que uma ilha pequena como São Jorge, tendo, ainda por cima, menos hipóteses que a média do arquipélago de dedicar uma parte significativa da sua superfície às culturas agrícolas, não pudesse competir com a produção dos principais centros regionais. Com estes números, talvez expressivos localmente, mas, de qualquer forma fracos no contexto regional, era impossível os grandes proprietários, negociantes e morgados jorgenses apoiarem os seus rendimentos unicamente na produção e exportação de laranja e retirarem delas os extraordinários lucros que fizeram a fortuna das grandes casas de São Miguel.

3. AS DOENÇAS DA LARANJA E O COMBATE DOS PRODUTORES

Ao longo do século XIX a exportação de laranja foi sendo sempre acompanhada por sucessivos ataques de agentes fitopatológicos. Contudo, muitos dos pomares eram formados por árvores jovens que, em princípio, resistiam relativamente bem às diferentes pragas. Em 1849 escrevia-se que poucos laranjais de São Miguel tinham mais de 30 anos. Mesmo assim a presença de moléstias e insectos era já frequente⁸.

No final de 1837 introduziu-se no Faial, “vindo da América, um arbusto do qual se desenvolveu um insecto não vulgar ou conhecido da maior parte dos zoologistas”. Sob a forma de uma moléstia, semelhante a uma espécie de ferrugem, ramificando-se pelos troncos, galhos e folhas, passou a afectar as laranjeiras. Têria uma rápida penetração nas árvores, bem como uma assinalável propagação nos diferentes pomares. Na verdade, estes estragos eram obra de um pequeno insecto: o *cocus hesperidum*. No Faial, os cultivadores tentaram obstar ao seu desenvolvimento recorrendo a aplicações e caldas de “cal, azeite, enxofre, terebintina, fumigações de alcatrão, archotes queimados à noitinha para destruir o insecto no estado de mosca, barrela com sabão, salmoira e finalmente a fezes ou pé de azeite refinado com potassa e ácido sulfúrico”. Apenas este último iria produzir alguns resultados animadores⁹. Do Faial, o insecto que o povo conhecia como “piolho da casca”, foi-se propagando para as restantes ilhas.

⁸ *Revista Universal Lisbonense*, vol. VIII, n.º 35, 5.7.1849, p. 410.

⁹ *Revista Universal Lisbonense*, vol. VII, 25.5.1848, pp. 291-292.

De acordo com João Palha Faria de Lacerda, em São Miguel, a doença conhecida como *lágrima* começou em 1837. Mas “em 1838, 1839 e 1840 cresceu e cortou a vida a muitas árvores”¹⁰. “Todos os pomares da ilha foram quase simultaneamente atacados e em algumas quintas perderam-se 100, 200, 300 e até 700 e 800 árvores sobre 1000. Mas não consta que em algum pomar fossem todas as árvores insultadas”¹¹. A denominada *lágrima* era semelhante a outras doenças que se manifestavam na área de Lisboa, ao contrário do *coccus* então circunscrito ao arquipélago¹².

O interesse económico desta produção era tal que a 13 de Fevereiro de 1845 foi publicada uma lei, estabelecendo em São Miguel, por um prazo de três anos, um imposto de 30 réis por cada caixa grande e de 20 réis por cada caixa pequena de laranja que se exportasse. Esta verba deveria ser utilizada em providências que se julgassem necessárias para alcançar a destruição do insecto. Curiosamente, estas disposições ficariam sempre circunscritas à ilha de São Miguel, não tendo sido estendidas a todo o arquipélago. Apesar das doenças, entre os meses de Novembro de 1849 a Maio de 1850 tinham-se exportado por Ponta Delgada em 355 navios (sendo apenas um português) 182.157 caixas grandes e 14.081 caixas pequenas de laranjas para a Grã-Bretanha. O mercado francês apenas absorveria 840 caixas pequenas e 25 grandes. Para os EUA seriam enviadas 8.948 caixas “denominadas americanas”¹³.

Em 1844, havendo notícias de que o *coccus hesperidum* estava a fazer crescentes prejuízos nos laranjais da ilha do Faial, as autoridades municipais de São Jorge estabeleceram posturas extremamente restritivas, fechando a ilha à importação de frutas e toda a sorte de vegetais, madeiras e lenhas. Apesar de reprovada pelo Conselho de Distrito, esta medida, tomada pelos dois concelhos, não pode impedir que a praga chegasse aos pomares da ilha, estando já parte deles atacados em finais de 1846.

Nesse ano chegaria também aos Açores, às ilhas do Faial e do Pico, a moléstia das batatas. Desde 1844 que esta se manifestava na Europa, afectando sucessivamente a Alemanha, Bélgica, Holanda, França, Inglaterra, Irlanda e Rússia. Não tendo tomado as proporções de calamidade que o clima húmido da Irlanda fez desencadear nesta ilha, atacou mesmo assim com enorme violência os campos do arquipélago, reduzindo a margem

¹⁰ *Revista Universal Lisbonense*, vol. VIII, n.º 35, 5.7.1849, p. 410.

¹¹ *Idem*, p. 410.

¹² *Revista Universal Lisbonense*, vol VIII, n.º 35, 5.7.1849, p. 410.

¹³ *Revista Universal Lisbonense*, vol. IX, n.º 38, 28.6.1850, p. 463.

de auto-abastecimento das comunidades camponesas. Os seus efeitos seriam mais evidentes no Faial e no Pico, embora a história desta invasão esteja ainda por fazer¹⁴.

O *coccus hesperidum* e a *lágrima* seriam seguidos por outras pragas. Embora tenham feito desaparecer muitos pomares, não aniquilaram totalmente esta cultura. A produção de laranja em grande escala continuaria até finais da década de 1870, inícios da década de 1880. Nesses anos a acção continuada dos diversos agentes fitopatológicos, a crise nos mercados anglo-saxónicos e a competição de produtos espanhóis e italianos, acompanhados por uma quebra persistente dos preços tornaram inviável a produção regional. Em São Jorge, no concelho da Calheta, na década de 1880, a produção de laranja já não se destinava à exportação, sendo consumida localmente¹⁵. Em 1900, continuava a existir alguma produção nesta ilha, mas era quase somente destinada ao consumo local, exceptuando-se uma pequena exportação que se fazia para o Faial¹⁶.

4. A EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO NOS CONCELHOS E ILHAS DO DISTRITO DE ANGRA DO HEROÍSMO

O quadro 2 dá-nos a conhecer um pouco mais da geografia e da trajectória da produção da laranja nas três ilhas e nos cinco concelhos do distrito de Angra. As principais áreas produtoras localizavam-se no concelho de Angra e secundariamente no das Velas. Praia da Vitória e Calheta eram a este título mais residuais e a Graciosa ocupava um lugar pouco

¹⁴ Tomás de Bettencourt (1857), “A moléstia nas batatas”, *O Faialense*, vol I, n.º 40, 30.12.1857, pp. 316-317.

¹⁵ Biblioteca Pública e Arquivo de Angra do Heroísmo (BPAAH), “Mapa da produção de laranja e limão”, fundo do concelho da Calheta (por catalogar). Agradeço ao Paulo Lopes de Matos a generosidade com que me disponibilizou estes dados. Actualmente é difícil estudar a História do concelho da Calheta. Na década de 1990, durante a presidência do senhor José Leovegildo de Azevedo, sendo vereador da cultura, o senhor Aires Reis, mais tarde deputado à Assembleia Legislativa Regional, deu-se o ainda inexplicado desaparecimento de todo o Arquivo Municipal da Câmara da Calheta, do qual nem os livros de Actas das Vereações se salvaram. Existe, contudo, um inventário deste acervo (cujo paradeiro continua incerto, mesmo para os funcionários da autarquia), realizado por uma equipa da Universidade dos Açores, coordenada pelo Professor Doutor Artur Teodoro de Matos, no início da década de 1980. Semelhantes casos de incúria e ignorância deveriam ser averiguados pelas autoridades competentes (Direcção Regional da Cultura).

¹⁶ José Cândido da Silveira Avelar (1902), *Ilha de São Jorge Açores*, pp. 142-144.

expressivo. Os números da produção do distrito oscilam, mas mantêm um importante crescimento até quase finais da década de 1870. Em São Jorge essa subida entre os anos de 1860 e os de 1870 é de facto flagrante e manifesta-se nos dois concelhos, com preponderância para as Velas. Após um apogeu da produção em 1880 a produção cai no ano seguinte para números muito baixos. Esta contracção tão repentina faz-nos supor que mais do que as pragas e doenças terão sido, sobretudo, razões ligadas aos preços da mercadoria e à concorrência internacional a ditar o fim desta produção. Nunca mais, após 1881, esta cultura voltará a gozar dos níveis de prosperidade verificados na década de 1870. De facto, a década de 1880 é feita de anos de constantes e acentuadas quebra. Os pomares parecem ter sido deixados ao abandono e ao apetite dos agentes fitopatológicos pelos proprietários, desinteressados de uma cultura que não deveria já ser rentável e facilmente escoável.

QUADRO 2

Produção de Laranja no Distrito de Angra 1861-1862, 1865, 1868-1873 e 1880-1886 por Ilhas (em milheiros)

Anos	Terceira	São Jorge	Graciosa	Distrito
1861	33916	1650	34	35612
1862	14081	807	25	14921
1863	20916	674	200	21796
1864	27751	542	375	28670
1865	34586	409	550	35545
1866	29793	871	590	31255
1867	25001	1334	630	26964
1868	20208	1796	670	22674
1869	39250	3075	50	42375
1870	37800	1660	50	39510
1871	47879	6560	40	54479
1872	47808	4360	48	52216
1873	43261	6360	50	49671
1874	47789	5530	50	53369
1875	52316	4700	50	57066
1876	57638	5360	43	63041

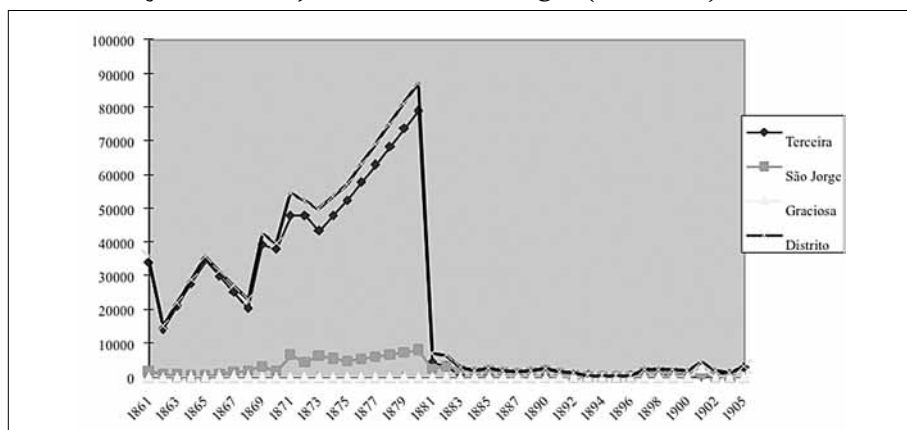
Anos	Terceira	São Jorge	Graciosa	Distrito
1877	62960	6020	36	69016
1878	68282	6680	28	74990
1879	73604	7340	21	80965
1880	78926	8000	14	86940
1881	4220	2550	18	6788
1882	3190	3060	13	6263
1883	470	2200	18	2688
1884	219	1470	15	1704
1885	260	1970	20	2250
1886	145	1560	23	1728
1887	140	1100	22	1262
1889	125	1600	22	1747
1890	190	2150	30	2370
1891	178	1120	40	1338
1892	340	605	30	975
1893	340	320	30	690
1894	210	145	25	380
1895	230	140	20	390
1896	300	80	15	395
1897	600	1450	20	2070
1898	650	1350	25	1925
1899	810	1125	8	1943
1900	750	950	4	1704
1901	750	950	2500	4200
1902	900	700	25	1625
1903	800	550	90	930
1905	2800		30	3030

Fonte: 1861-1862 e 1868-1872 AHMOP, DGCI, RA-1S. Dados 1865, *Relatório Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 1867, pelo Secretário Geral servindo de Governador civil Joaquim Taibner de Moraes*, Angra: Tip. do Governo Civil, 1868, mapa n.º 41. Dados 1875, *Relatório Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 1877, pelo Governador civil Barão do Ramalho*, Angra: Tip. do Governo Civil, 1877. Para 1873, Gerardo Pery (1875), *Geografia e Estatística...*, p. 302. Dados 1880-1887, João Nogueira de Freitas (1890), *op. cit.*, p. 22. Os números em negrito foram obtidos por interpolação linear.

Se bem que as quedas em São Jorge e sobretudo no concelho das Velas sejam significativas é sobretudo o concelho de Angra que sofre entre 1881 e 1886 uma enorme contracção da produção passando de 78.726 milheiros para 45¹⁷. Por um lado, podemos supor que em São Jorge a acção dos parasitas foi menos intensa e que as destruições nos pomares não atingiram a magnitude da ilha Terceira, onde logo passado poucos anos estes começaram a ser arrancados, destinando-se os seus terrenos a culturas arvenses¹⁸; por outro, e esta é sem dúvida a razão mais forte, a esmagadora maioria das áreas pomícolas existentes em São Jorge dificilmente poderia ter outro aproveitamento agrícola, o que condenava à partida as suas hipóteses de reconversão produtiva, ficando condenadas à rápida invasão dos matos, ou a experiências precárias de intensificação vinícola. Nalgumas zonas verificou-se ainda a intensificação do plantio de nespereiras para a produção de aguardente. Porém, apesar de bem adaptadas ao clima açoriano, estas árvores nem chegaram a ser plantadas em pomar, ficando em regime de aproveitamento promíscuo em redutos de casas e áreas de matos, lenhas e biscoito¹⁹. A aguardente de nêspere nunca constituiu mais do que uma produção para o mercado local e para as ilhas mais próximas, em tempos de fraca produção vinícola.

GRÁFICO 1

Produção de Laranja no Distrito de Angra (Milheiros) 1861-1905



¹⁷ João Nogueira de Freitas (1890), *Relatório da 12ª Zona Agronómica...*, p. 22.

¹⁸ Idem, p. 24.

¹⁹ Segundo *O Agricultor Micaelense* n.º 21 de Setembro de 1849 a nespereira do Japão foi importada para os Açores pelo barão da Fonte Bela por volta de 1819 como árvore de ornamento.

Se bem que dentro das três ilhas seja em São Jorge que os números da produção de laranja se mantêm mais constantes, pensamos que na década de 1880 a decadência desta cultura era irreversível e passaria a destinar-se apenas ao mercado interno e ao consumo local. Em Outubro de 1884 escrevia-se no *Velense* (23.10.1884) que a colheita do ano devia ser diminuta e que a sua produção e comércio estavam quase extintas. Em correspondência com a Direcção-Geral de Agricultura, do Ministério das Obras Públicas Comércio e Indústria, datada de Novembro de 1886, o agrónomo distrital de Angra referia que a laranja já não dava para exportação, sendo toda empregue no consumo interno: a decadência dos pomares era atribuída quer à doença, quer à consequente baixa dos preços²⁰.

A realidade era diferente em São Miguel. Em 1884-1885 ainda se exportavam quantidades razoáveis de laranja a partir de locais como Vila Franca do Campo. Nesse ano seriam enviadas para Londres e Bristol 22.573 caixas de laranjas (*flat boxes*), 334 embalagens de tangerinas e 21.171 ananases, tudo num valor de 3800 libras. Contudo e quando comparada com a quantidade exportada no ano anterior a quebra era já grande. Sobretudo a exportação de laranja tinha decaído bastante reduzindo-se de 42.798 caixas (*flat boxes*) para as citadas 22.573. Esta quebra mostrava bem o rápido declínio desta produção que Walter Frederick Walker atribuída à moléstia que atacava as árvores de fruto e ao facto de muitas destas terem sido destruídas e arrancadas²¹. Segundo o mesmo viajante inglês, no início da expansão da cultura da laranja muitas áreas de jardim foram aforadas a rendeiros que acordaram pagar entre 6\$000 e 8\$000 reis por alqueire. Nesses anos cada alqueire produzia em média 10 caixas grandes de laranjas, cada uma contendo 800 frutos e que retribuíam ao explorador uma média de 3\$000 de lucro. Contudo em 1886 a cultura já não era lucrativa. A ilha de São Miguel tentava reconverter-se com antigas e novas culturas como os cereais e o ananás. Por exemplo, os benefícios retirados dos cereais alcançavam ainda, segundo o mesmo autor, 45 a 50% do capital investido em cada bom ano agrícola²². A exportação de ananás, que tinha começado em 1867-1868 com a venda de 427 frutos, alcançaria em 1883-1884 130.000 frutos, sendo estes apenas os

²⁰ Daqui em diante o referido Ministério passará a ser referido pelas suas iniciais (MOPCI). Cf. *Boletim dos Serviços Agrícola*, Novembro de 1886, Lisboa: MOPCI, p. 51.

²¹ Walter Frederick Walker (1886), *The Azores or Western Islands: a political, commercial and geographical account*, London: Trübner, p. 254.

²² Idem, p. 80.

números da produção enviada para a Grã-Bretanha. Segundo Walter Frederick Walker os produtores tinham conseguido com estes negócios um total aproximado de 25.000 libras²³.

A crise da laranja nos finais da década de 1870 não vai estar isolada, seguidamente surgem problemas nas exportações de cereais e de gado, alargando-se a crise a todo o sistema produtivo regional. No grupo central do arquipélago, a pressão das autoridades e dos grandes proprietários dirigir-se-á, a partir de finais da década de 1880, para a reconversão da agricultura, apostando-se no aumento e no melhor aproveitamento das pastagens naturais e da produção industrial de laticínios. Em São Miguel a estratégia foi diferente e a reconversão agrícola dirigiu-se para outras culturas e produções como o tabaco, a beterraba e a batata doce para produção de álcool, o ananás, a espadana ou o chá, matérias primas transformadas localmente, que propiciaram um certo desenvolvimento da indústria nesta ilha²⁴.

Só um trabalho aturado em torno da evolução dos preços e das exportações da laranja açoriana nos poderá esclarecer quanto aos ciclos por que passou esta cultura. De qualquer modo, parece-nos que ela teve, desde cedo algumas oscilações. No entanto, a produção de laranja só começou a perder peso e a sofrer forte concorrência internacional nos finais da década de 1870. Para melhor responder a estas questões novas investigações nesta área deveriam tentar uma aproximação por ilha. Pode ter sucedido que a decadência tivesse chegado mais cedo às ilhas mais periféricas e com menor produção, só atingindo São Miguel um pouco mais tarde. Por outro lado, não conhecemos as sincronias ou des-sincronias da marcha dos agentes fitopatológicos sobre frutos e árvores nos vários espaços produtores, assim como a eventual recuperação dos pomares ou os gastos no combate a fungos e parasitas.

Também será necessário levantar a hipótese da “economia da laranja” ter beneficiado com mais profundidade a intensificação e extensificação das áreas agrícolas de São Miguel, num movimento onde o constante

²³ Idem, p. 91.

²⁴ Cf. José Pereira da Cunha da Silveira e Sousa (1887), *Os Laticínios na Região Açoreana Oriental*, Lisboa: Tip. Matos Moreira; Sacuntala de Miranda (1989), *O Ciclo da Laranja e os Gentlemen Farmers da Ilha de São Miguel (1780-1880)*, pp. 71-81; António de Andrade Albuquerque Bettencourt (1887), *Indústria Pecuária na Ilha de São Miguel: o que foi, é e pode ser*, Lisboa: Typ. de Adolfo Modesto & Cia; e J. V. Paula Nogueira (1900), “L'Agriculture aux Açores et à Madère”. In Bernardo Cincinato da Costa e D. Luís de Castro (orgs.), *Le Portugal du Point de Vue Agricole*, Lisboa, pp. 801-824.

aumento da população desta ilha também deve ter jogado um papel de destaque. Neste capítulo, mais uma vez, a Terceira e as pequenas ilhas, como São Jorge, teriam que ter um desempenho diferente. Podemos mesmo levantar a hipótese, que só trabalhos posteriores poderão confirmar, que a renda fundiária, medida em termos relativos, dos grandes proprietários micalenses seria maior que a dos seus pares terceirenses, faialenses ou jorgenses. Não só a pressão social sobre a terra e o mercado de arrendamento seriam maiores, como as produções teriam melhores possibilidades de escoamento, de preços e de penetração nos mercados. São Miguel teria que ser sempre, inevitavelmente, o torrão mais rico e poderoso. De qualquer forma, parece-nos que já é tempo de começar a matizar o lugar comum que atribui à produção e exportação de laranja a primazia absoluta na economia das ilhas durante o século XIX. Os cereais, a vitivinicultura, a pecuária e a produção de laticínios também tiveram um papel importante, sem esquecer as tentativas de reconversão mais tardias, ligadas ao tabaco, ao chá e ao ananás. Do mesmo modo, seria necessário dar uma maior atenção aos mercados locais, à pequena e média produção camponesa e às trocas regionais e inter-ilhas. A ideia tantas vezes repetida de uma trajectória económica dos Açores ligada unicamente a uma sucessão de ciclos agrícolas que sempre se tentavam adaptar, sem êxito, à procura externa tem que ser questionada.

5. CONCLUSÃO: A DECADÊNCIA DA PRODUÇÃO DE LARANJA NO GRUPO CENTRAL. UMA QUEBRA ANUNCIADA

A exportação de laranja manteve sempre grandes flutuações, que ainda hoje estão por estudar quer quanto ao conjunto do arquipélago, quer quanto ao contexto específico de cada ilha. Numa obra datada de 1871, temos notícias de que a laranja terceirense tinha já o seu preço muito diminuído nos mercados estrangeiros, em virtude da concorrência da fruta procedente de outros destinos, em especial de Espanha²⁵. Contudo, na correspondência de Dezembro do ano anterior, 1870, do intendente de pecuária com o MOPCI, este ainda referia que quando a colheita de laranja era abundante chegavam a faltar braços para acorrer

²⁵ Francisco José da Silva Júnior (1871), *A Emancipação dos Açores*, Lisboa, p. 20.

às necessidades das outras culturas²⁶. Em 1879 a exportação açoriana já sofria os fortes abalos da concorrência externa e os pomares viam-se a braços com novas pragas. As perspectivas na Terceira não eram famosas e sabia-se que não era possível reconverter todos os pomares da ilha. Para além da necessidade de tentar todos os meios curativos falava-se na possibilidade de ensaiar o fabrico de bebidas fermentadas a partir dos citrinos. Contudo, o aviso era claro, “nos terrenos mais ricos, sobre que assentam alguns pomares, maiores lucros produziriam, trazendo-os à cultura arvense bem dirigida, do que continuando a alimentar uma espécie, na incerteza de se interessar com os seus produtos” ²⁷.

Apesar da sua importância, mais do que qualquer insecto ou fungo, o que matou a exportação da laranja foi a feroz concorrência internacional no sector das frutas, que fez com que a produção açoriana não pudesse fazer frente aos preços oferecidos pelas regiões mediterrânicas. Aliás, este tópico de comparação entre os Açores e as regiões vencedoras nesta produção tem faltado em quase todos os trabalhos sobre a laranja. Seria mesmo necessário perceber o que faltou numas regiões e o que houve nas outras para que esta cultura tivesse tido uma trajectória de sucesso. Afinal o que fez o Levante espanhol e a Sicília colocarem-se como concorrentes da produção insular? Só assim se poderá esclarecer definitivamente o comportamento da produção de citrinos e os estrangulamentos à sua exportação²⁸.

²⁶ Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas (AHMOP), DGCI, RA-1S, 3, “maço de Angra”.

²⁷ *Relatório Apresentado pela Comissão Executiva da Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 19 de Julho de 1879*, pp. 52-53.

²⁸ Veja-se o trabalho muito interessante, mas onde, precisamente, falta esta componente comparativa internacional de Sacuntala de Miranda (1989), *O Ciclo da Laranja e os Gentlemen Farmers da Ilha de São Miguel (1780-1880)*...